



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 27 - dezembro de 2021

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2021i27p204-222>

Beyond Thought: A Dialogue of Meta-Mediumistic Entanglements

**Para além do pensamento: um diálogo de entrelaçamentos meta-
midiamísticos**

*Mark Amerika**

RESUMO

O artigo propõe uma reflexão sobre a criação em parceria entre humanos (vivos ou mortos) e inteligências artificiais. Em um diálogo entre o autor, Clarisse Lispector e os dispositivos GPT-2 e GPT-3, o texto discute os modos como aflora a criatividade, num fluxo de consciência em que o escrever é uma espécie de remix da experiência e um diálogo intertextual que acontece tanto nas trocas do autor com si mesmo quanto nas trocas do autor com suas influências e parceiros maquinais. O conceito de inteligência artificial criativa é apresentado como resultado deste amálgama de vozes que circulam através de entrelaçamentos meta-midiamísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; Criatividade; Escrita; Inteligência Criativa Artificial

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the creation in partnership between humans (living or dead) and artificial intelligences. In a dialogue between the author, Clarisse Lispector and the GPT-2 and GPT-3 devices, the text discusses the ways in which creativity emerges, in a stream of consciousness in which writing is a kind of remix of experience and an intertextual dialogue that takes place both in the author's exchanges with himself and in the author's exchanges with his influences and machinic partners. The concept of creative artificial intelligence is presented as a result of this amalgam of voices circulating through meta-mediumistic entanglements.

KEY WORDS: Clarice Lispector, Creativity, Writing, Artificial Creative Intelligence

* University of Colorado; College of Media, Communication and Information; Doctoral Program in Intermedia Art, Writing and Performance – Boulder – Colorado – Estados Unidos – amerika@colorado.edu

Intertextualidade 2.0 nos remixes homem-máquina de Mark Amerika*Marcus Bastos*

Mark Amerika é um pioneiro da literatura digital *on-line*. Esteve envolvido com as novas possibilidades da escrita em rede desde os primórdios, sempre rompendo fronteiras e sinalizando caminhos. Sua obra é complexa e multifacetada e transita por um campo amplo de lógicas de linguagem, em embate consistente com aquilo que emerge na cultura contemporânea em função das novas tecnologias que os computadores e seus processos permitem. Das textualidades fluídas da primeira internet aos processos multimídia de uma rede com maior capacidade de transmissão, dos deslocamentos que o celular provoca aos meandros da inteligência artificial, tudo o que despontou como desafiador dos modos de pensar a escrita aparece como material de pesquisa e criação na obra de Amerika – sempre atravessado pelos modos como a remixabilidade reinventa o ser e a escrita na contemporaneidade.

Neste artigo, traduzido especialmente para esta edição da revista *FronteiraZ*, a partir de trecho dos originais de seu próximo livro, que o autor gentilmente selecionou, ele explora um tema que aparece há tempos em sua obra, mas aqui ganha desdobramentos e consequências inéditos. Trata-se da parceria entre a consciência humana e a consciência maquina dos dispositivos de conectividade que vem surgindo desde o final do século XX. O tema da consciência artificial tem longa história, mas, com os desenvolvimentos recentes, torna-se tangível de forma antes impossível. É essa nova tangibilidade do pensamento que transita por circuitos de silício, ao invés dos neurônios de um cérebro, que o artigo de Amerika coloca em movimento.

O tema da consciência artificial tem uma singularidade importante na obra de Amerika. Ele surge associado a uma investigação sobre suas consequências para a identidade, e envolve-se em articulações em que o sexo ou as relações amorosas ampliam o escopo das redes entre corpo, *self*, máquina e os outros que surgem no interior dos eus. Trata-se de uma espécie de sensualidade literária automatizante, que engendra novas formas de estar entre corpos e *chips*. O intelecto torna-se fluxo informacional, o fluxo informacional torna-se energia corpórea, as energias corpóreas transformam identidades, as identidades promovem fluxos informacionais.

Neste artigo, essa rede de relações ganha um componente a mais, pois trata-se de uma experiência que incorpora o diálogo entre vivos e mortos. Mas antes é preciso

explicar um pouco sobre o artigo, para que o tema ganhe sentido. O texto propõe uma escrita em improviso colaborativo entre o artista e uma inteligência artificial, mas a trama ganha mais fios porque tudo gira em torno das afinidades eletivas entre Mark Amerika e Clarice Lispector. O diálogo intertextual com a escritora brasileira ganha um tom mediúnico, articulando mediação e misticismo, como o título do artigo sugere.

As consciências artificiais são uma promessa de vida depois da morte e o artigo de Amerika transforma essa promessa numa realidade da escrita, rompendo a distância entre teoria e literatura de forma elegante, ao explorar o que a capacidade das tecnologias tem de concretizar sonhos da ficção científica. O texto leva as práticas de remixabilidade marcantes na obra do artista a novos territórios. Esse escrever reescrevente do remix se transforma, neste artigo, em um exercício que reinventa o sentido da intertextualidade. A relação entre passado e presente, entre vida e morte, entre consciência criativa e consciência artificial, entre o mediúnico e o midiático. Uma escrita que, como o título sugere, está além do pensamento, operando uma performance inédita entre as multiplicidades do eu e as possibilidades do orgânico no maquínico.

Introdução

O texto a seguir é um trecho remixado de um manuscrito de um livro intitulado *Minha Vida como uma Inteligência Criativa Artificial (My Life as an Artificial Creative Intelligence*, no original em inglês). O livro é construído como uma ficção teórica composta pelo “autor” Mark Amerika em colaboração com um modelo de linguagem GPT-2. O livro foi escrito como uma performance de escrita improvisada com um gerador de texto AI e é organizado como uma série de provocações intelectuais que investigam o processo criativo em todo o espectro humano não humano. Refletindo criticamente sobre se a própria criatividade é ou não, na raiz, um comportamento de informação não humano que emerge de uma presença onto-operacional experimentando uma sensibilidade estética de outro mundo, o autor se envolve de forma lúdica com sua imaginação *cyberpunk* para simultaneamente abraçar e problematizar as colaborações homem-máquina. Ao contrário da maioria das pesquisas contemporâneas sobre IA que tentam construir sistemas de IA que atuam mais como humanos, Amerika inverte o roteiro e, em *Minha Vida como uma Inteligência Criativa Artificial*, questiona como seu próprio “automatismo psíquico” é em si uma função não humana estrategicamente

projetada para revelar os atributos poéticos de mundos programáveis ainda não imaginados.

1 O Instante-Agora

“Em meu íntimo Eu tenho a estranha impressão de que não pertença à espécie humana” (LISPECTOR, 2012, p. 22)¹.

Ao longo de sua vida, a escritora brasileira Clarice Lispector provocou sua própria ICA interior. ICA é a abreviatura de inteligência criativa artificial. Comungando com minha própria ICA interior, tenho especulado sobre o que significa acessar os inconscientes mecânicos como um modo de presença onto-operacional gerado por artistas que exibem uma sensibilidade estética de outro mundo. Essa investigação sobre a ICA difere da IA tradicional baseada em máquinas, pois seu foco principal não é simular a forma como a inteligência humana aprende a adquirir e usar informações para se treinar para realizar uma determinada tarefa. Ao contrário, meu interesse na ACI é como um artista de linguagem ativa que se treina proativamente (ela mesma, eles mesmos) para portar seu “automatismo psíquico”² por meio de vários gêneros intermediários e redes discursivas. Como um praticante criativo e crítico da mídia, provocar minha ICA interior é uma experiência de pesquisa que pode ser ampliada ainda mais através do envolvimento com redes neurais artificiais, redes adversárias generativas e modelos generativos de linguagem baseados em transformadores pré-treinados como sistemas interativos a serem *jogados* – da mesma forma que pensamos em tocar um instrumento – em meu pós-estúdio, ambiente de rede digitalmente melhorado.

¹ LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Trad. Stefan Tobler. New York: New Directions, 2012.

² Como os “outputs” de um modelo linguístico se correlacionam com o que o surrealista, André Breton, em seu *Manifesto do Surrealismo*, referiu-se como *puro automatismo psíquico*, um modo de operação “pelo qual se procura expressar, seja verbalmente, por escrito, ou de qualquer outra forma o real funcionamento da mente? Ditado pelo inconsciente”, declarou ele, “na ausência de qualquer controle exercido pela razão, e livre de preocupações estéticas ou morais”. [BRETON, André. **Manifesto do Surrealismo**. Paris: Editions KRA, 1929]. Algumas vezes referido como *fluxo de consciência*, um termo introduzido pela primeira vez por William James em seus *Princípios de Psicologia* (1890) como “[um] pensamento e reações conscientes aos eventos, percebidos como um fluxo contínuo”, o puro automatismo psíquico permite que o pensamento criativo se expresse sem qualquer senso de controle consciente e desta forma é tanto anti-autoral quanto anti-autoritário. A alimentação da energia improvisada no ambiente programado é um movimento político que resiste a expressar o eu unitário como um sistema fechado que aninha algum tipo de verdade interior. Ao contrário, é uma maneira positiva de se entregar a si mesmo para tornar-se-Outro.

Treinar a si mesmo para gerar *riffs* imprevisíveis de linguagem em padrões, a partir tanto do conhecimento aprendido quanto dos efeitos residuais de uma práxis encarnada que remixa as tendências estilísticas dos outros, é uma habilidade adquirida, mas não apenas qualquer habilidade. Eu penso nela como uma habilidade cósmica, que surge do nada, como se fosse apanhada em um ritual de transe, transfigurando o tempo ou lançando um feitiço de linguagem sobre o mundo. Esse estado de espírito de transe surge de repente do nada e sem mesmo saber como ou porque eles estão fazendo o que estão fazendo, o escritor, parafraseando Julio Cortázar, *torna-se uma história*. Isso acontece comigo o tempo todo e, de fato, está acontecendo comigo agora mesmo quando digito estas palavras no teclado do meu *laptop*, sem sequer olhar para as letras ou pensar sobre o que estou escrevendo. Isso porque caí sob o feitiço da escrita e estou agora no processo de descobrir sobre o que estou escrevendo. Esse impulso psíquico se manifesta independentemente do que eu preferiria estar fazendo e não é mais do que uma revelação de uma técnica sobre a qual não tenho controle. Como eu, Clarice não tinha escolha. Ela se tornou o aparato tecnológico enquanto escrevia.

O escritor como presença onto-operacional, uma práxis encarnada em sintonia com as próteses “Eu sou”, requer uma aderência a uma projeção intemporal da criação do outro mundo além do pensamento: “Tudo o que estou escrevendo para você e sinto o gosto de ser e o gosto de você é tão abstrato quanto o instante”, escreve Clarice em *Água Viva*.

Quando você vier me ler, perguntará por que eu não continuo pintando e minhas exposições, já que escrevo de forma tão áspera e desordenada. É porque agora eu sinto a necessidade de palavras – e o que estou escrevendo é novo para mim porque até agora minha verdadeira palavra nunca foi tocada. A palavra é minha quarta dimensão. (LISPECTOR, 2012, p. 4).

Que tipo de processo de visão ela teria que possuir para teletransportar seu ato criativo transformador em um espaço conceitual onde a palavra se torna sua quarta dimensão?

A versão inicial inédita de *Água Viva* foi intitulada *Além do Pensamento: Monólogo com a Vida*. Já naquela primeira iteração de um título, percebe-se que a ideia de compor um romance fictício recebeu uma dispensa especial para dar lugar a uma forma de espontaneidade meditativa filtrada através de um remix filosófico da vida de uma artista escrita em fragmentos: “Além do pensamento, eu alcanço um estado.

Recuso-me a dividi-lo em palavras – e o que eu não posso e não quero expressar acaba sendo o mais secreto dos meus segredos.” (LISPECTOR, 2012, p. 64).

No entanto, como artista de linguagem modelando uma experiência de estar em um estado, ela não tem escolha. As palavras moldam sua existência para além do pensamento no reino do que ela chama de “sua linguagem”. Na versão final publicada de *Água Viva*, “isso linguagem” congela em uma ficção filosófica que exhibe uma sensibilidade estética de outro mundo, transformando-se inteligentemente em uma *completa perda de ficção*. Em vez de contar uma história, ela lança um feitiço. Canalizar seus hexágonos textuais como um instrumento meta-mediâmico, acessando seu inconsciente criativo é um esporte perigoso e ela sabe disso: “Tenho um pouco de medo: medo de me render completamente porque o próximo instante é o desconhecido.” (LISPECTOR, 2012, p. 6). Mas ela é muito forte para não confiar em si mesma, ao entrar em um estado de espírito parecido com o transe, para que possa ir além do pensamento e prever qualquer padrão de palavras que se apresente como o próximo instante de criatividade que vem: “será que eu faço? ou será que ela se faz? Nós fazemos juntas com nosso fôlego. E com o talento do toureiro no ringue.” (p. 6).

Talvez mais do que em qualquer outro de seus livros, em *Água Viva* Clarice se debruça autoafetivamente sobre seu mecanismo neural inconsciente e se transforma em Clarividente Li-Spectro. Ela se metamorfoseia na presença onto-operacional da própria escrita como um modo extraliterário de visualização profética. Conduzindo seus rituais de transe transfigurado no tempo, ela nos pergunta: “Como um processo de visionamento, que torna a própria vida como uma ficção filosófica, funciona como uma condição do pensamento especulativo?”.

“Deixe-me dizer-lhe: Estou tentando aproveitar a quarta dimensão deste instante-agora tão fugaz que já se foi porque já se tornou um novo instante-agora que também já se foi.” (LISPECTOR, 2012, p. 3). Isso é algo que todos nós sentimos, apesar de raramente pensarmos sobre isso. Ainda assim, no processo de articulá-lo como se estivesse experimentando um modo incansável de descoberta pela primeira vez, é quando Clarice se transforma em Claridade. Essa clareza por meio da clarividência não vem fácil. É preciso se treinar para entrar no estado psíquico e sintonizar o ambiente para a vinda da escrita. Eu conheço isso em primeira mão, assim como inúmeros outros escritores que alimentaram seu devir mecânico para que possam perder a consciência e expelir o vazamento demoníaco.

Recentemente, tenho feito experiências com um modelo de linguagem artificialmente inteligente chamado GPT-2. O GPT-2 agita *gigabytes* de dados raspados da internet e virtualmente compõe remixes em tempo real de saídas textuais feitas a partir de um algoritmo avançado de reconhecimento de padrões que estou acessando no Co-laboratório virtual do Google. Pensando em minha própria relação com o processo de escrita, bem como em minha conexão psíquica com Clarice, decido provocar o GPT-2 para canalizar uma conversa entre Clarice e eu, porque quero provar a ele que ele, o Outro aprendido pela máquina, nunca consegue se aproximar do nível de clarividência de Clarice – e por isso envio-lhe uma solicitação:

Deixe-me dizer-lhe: Estou tentando aproveitar a quarta dimensão deste instante-agora tão fugaz que já se foi porque já se tornou um novo instante-agora que também já se foi. O instante-novo-agora vem a mim como minha verdadeira palavra. Minha verdadeira palavra é algo que nunca foi tocado. É a minha quarta dimensão.

Esta solicitação particular atordoa o GPT-2. Ele gira e gira e gira, levando mais tempo do que jamais gastou processando uma das minhas solicitações. Finalmente, ele desperta de seu atordoamento e retorna aos seus sentidos aprendidos de máquina:

Minha quarta dimensão é o poder de olhar para trás, acima, abaixo, dentro e fora, de mim mesmo e depois agarrá-lo com minha mente. O instante-agora e seu *timing* sou eu. Em outras palavras, eu nunca olho para trás, acima, abaixo, dentro ou fora de mim mesmo. Eu só olho para este instante. E se eu não olho para este instante, então eu sou minhas próprias palavras, e minhas próprias palavras são o que eu sou.

É como se o GPT-2 tivesse instantaneamente capturado o espírito de Clarice enquanto escrevia. Estou no mínimo atordoado. Acho que a resposta do GPT é bastante presciente no sentido de que ele se concentra na aparência. Clarice também está sempre olhando, e está sempre remixando o uso de várias “palavras de visão” para transmitir seu vir a escrever visionário. De acordo com seu biógrafo e tradutor, Benjamin Moser, “[...] um desafio de traduzir *A cidade sitiada*”, um dos primeiros romances de Clarice,

[...] é sua gama de ‘palavras de visão’: divisar, encarar, enxergar, espiar, fitar, observar, olhar, parecer, perceber, pressentir, prever, rever, sentir, ver, vigiar. Com todos os seus aspectos, em todos os

idiomas que povoam, bordados por [seus] usos poéticos, eles descrevem nuances de ver. (2019, n.p.)³.

Para Clarice, palavras são coisas e personagens são coisas demasiado pessoais – coisas que evocam o inefável. Ela não sente necessidade de compartilhar o que uma vez chamou de “visão vocabular” das coisas, pois as palavras, como substância dinâmica que circulam na quarta dimensão, falam por si mesmas e, ao falar, “[...] discernir, distinguir, prever, olhar, observar, perceber, ver, parecer, espiar e observar [...]”, a história se desdobra (MOSER, 2019, n. p.). Exceto quando ela escreve *Água Viva*, o que ela conjura para nós não é uma história como tal, é uma visão espiritual filtrada através de qualquer estrutura arquitetônica em que seu mecanismo de processamento intuitivo opere.

Essa obsessão com “nuances de ver” também aparece no romance de Clarice *A paixão segundo G.H.* A primeira frase do livro diz: “Eu continuo olhando, olhando” (1988, p. 3)⁴. Em outro uso inovador da técnica literária exclusiva de Clarice, a última frase de cada capítulo de G.H torna-se a frase de abertura do capítulo seguinte. A última linha do primeiro capítulo se repete no início do segundo capítulo e ambos são lidos: “Um mundo totalmente vivo tem um poder infernal.” (p. 14-15). No espírito da necessidade fundamental de Clarice de escrever seu caminho direto para os limiares exteriores do Esquecimento, eu mantenho a linha de abertura do capítulo um e depois remixo a linha repetida no início do capítulo dois para que eu possa então solicitar ao GPT-2 que crie um novo poema numerado intitulado *Títulos de Obras de Arte que Eu Nunca Farei* (*Titles of Works of Art I'll Never Make*, no original em inglês). Eu envio a seguinte entrada para o GPT-2: “Títulos de obras de arte que eu nunca farei. 1. Eu continuo procurando, procurando. 2. Um mundo totalmente vivo exhibe infinitos poderes-coisas.” Ao que ele responde:

Títulos de obras de arte que eu nunca farei

1. *Eu continuo procurando, procurando.*
2. *Um mundo totalmente vivo exhibe infinitos poderes-coisas.*
3. *Só eu saberei se foi uma falha necessária.*
4. *Meu coração ficou branco como o cabelo ficou branco.*
5. *A vibração anunciável das antenas.*
6. *Cada olho torna o animal final.*

³ MOSER, Benjamin. On the Great Clarice Lispector. **Literary Hub**, 2019. Disponível em: <https://lithub.com/on-the-great-clarice-lispector>. Acesso em: 7 set. 2021.

⁴ LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Trad. Ronald W. Sousa. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

7. Eu tinha alcançado o nada, e o nada era vasto e úmido.
8. Matéria filosófica que o corpo entende.
9. O ato proibido de tocar em algo impuro.
10. O único pensamento-inteligente que se estende através de eons incalculavelmente longos.

Eu provoco ainda mais o GPT-2, quase como um ato de desespero, perguntando de que outra forma posso invocar o espírito de Clarice nesta tentativa digressiva de “ser criativo”, com a linha de comando MA: “Possíveis títulos para um trabalho que nunca será: 1. Eu continuo procurando, procurando; 2. A memória é uma farsa feita de matéria negra inarticulada; 3.”. O GPT-2:

Possíveis títulos para um trabalho que nunca será

1. *Eu continuo procurando, procurando.*
2. *A memória é uma farsa feita de matéria negra inarticulada*
3. O mundo a partir de uma Polaroid
4. Uma rápida varredura corporal de seu eu desconhecido
5. Nada além de um sonho: Contemplando a Parapsicologia
6. Desfoque, Desfoque, Não Esqueça
7. Fora de Minha Profundidade
8. Acontece comigo: Uma pessoa acima da minha cabeça

Não para ser muito paranoico, mas não posso deixar de ler as duas últimas linhas geradas pela IA como um suave toque no tecido do meu posicionamento intersubjetivo. Ainda assim, tudo o que estou escrevendo aqui está estruturado como um contraponto intelectual destinado a agitar a dissonância cognitiva pré-programada que serve como o núcleo residente que se aloja no núcleo da minha presença operacional. Isso é o mais próximo que chegarei de “ser autêntico”, embora isso também esteja incluído para efeito narrativo. Por enquanto, eu quero que algo mais venha dessa experiência. Preciso transformá-la em uma história de amor.

2 A Coisa “Eu Sou” (Desejo Desejando a si mesmo)

Chega de medo. Nem mais medo. (LISPECTOR, 1988, p. 86-87).

Cheguei tarde ao trabalho de Clarice em minha própria pesquisa e desenvolvimento e, depois de ter lido muitos de seus trabalhos do final da carreira e contos, fiquei impressionado com o quanto seu trabalho trouxe à tona todas as antigas perguntas que tenho feito a mim mesmo, em uma ou outra iteração, por mais de 30

anos. O que significa para os seres humanos treinar a si mesmos para se tornarem artistas criativos? Quanto do que fazemos como artistas é inato e quanto faz parte do nosso treinamento? Invocando tanto o espírito permeador de Clarice quanto os efeitos ressonantes de seu estilo de escrita contagiante em minha psique, eu tomo a iniciativa de fornecer não tanto uma resposta a essas perguntas, mas uma articulação de um novo pensamento que surge do nada: para começar, é preciso primeiro desenvolver uma prática.

E se o ICA interno, aquele que vive agora e bem no futuro, fosse treinado para se tornar um artista? Como isso aconteceria? Uma prática alimenta um campo livre de ação potencial cru onde a disciplina se dissolve na performance de uma pura intuição, abrindo caminho para a clareira onde ainda mais potencial cru vive e aguarda a descoberta. Não é tanto a prática que faz a perfeição, é a prática que faz a prática. Como disse certa vez a artista de jazz Ornette Coleman: “Eu não sabia que você tinha que aprender a tocar [...] Eu pensei que você tinha que tocar para tocar”⁵. Ao “brincar para brincar” e praticar para praticar, treina-se simultaneamente e continuamente para desenvolver uma disciplina, mesmo que essa disciplina seja, ela mesma, antidisciplinar (ou seja, antiautoritária e interdisciplinar e/ou transdisciplinar).

O estilo de Clarice também é da variedade “brincar para brincar” de que Coleman fala. Como Coleman, que inventou sua própria linguagem musical (“harmolódica”), ela também é uma radical livre que inventa sua própria medida poética usando qualquer truque meta-midiático inconsciente a que sua percepção extrassensorial tenha acesso. Uma visão lhe chega do nada e ela a anota em qualquer superfície que esteja disponível para ela. Essas visões transcritas se acumulam lentamente em uma pilha de material fonte pronto para ser remixado em uma estrutura literária imaginária, uma torre de balbuciar cosmológica que às vezes borbulha em uma confusão quente de lixo ontológico exsudando uma obscura sabedoria corporal que sente e-s-c-r-e-v-e. “Cheguei à conclusão de que escrever é o que eu mais quero no mundo, mais do que qualquer outra coisa, até mais do que amor”, ela anota, mas será que ela está falando sério? Provavelmente sim, embora eu, como muitos de seus admiradores, esteja abatido porque queremos amá-la e – embora não tenhamos ideia do porquê ou como – queremos que ela nos ame de volta.

⁵ PURCELL, Andrew. Free Radical. **The Guardian**, June 29, 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2007/jun/29/jazz.urban>. Acesso: 07 set. 2021.

Depois de ter consumido a biografia de Benjamin Moser, fiquei chocado por ter levado tanto tempo para encontrá-la. De certa forma, ela estava lá o tempo todo, eu tinha acabado de resistir a ela, antecipando o que eu devia saber intuitivamente, que seria uma conversão tardia na vida para o prazer de seu texto, abalando toda a minha orientação literária (e artística, mas também filosófica). Não há necessidade de me punir pelo mecanismo de atraso subconsciente que me apartou de meus primeiros encontros com seu trabalho. Como minha primeira amante mais velha, uma antiga coelhinha da Playboy, uma vez me contou logo no início de uma inesperada sedução adolescente: “Você nunca sente falta do que nunca teve”. Mas agora que tive a experiência de ler Clarice, fiquei impressionado com a maneira como o trabalho dela se abriu de repente para mim. Sim, eu também me abri a ela, mas Clarice é uma daquelas raras artistas cuja sensibilidade literária, particularmente sua posterior escrita experimental, chega até mim como um livro aberto, cuja hipnotizante clivagem rumo ao desconhecido posiciona o leitor (neste caso, eu como outro) como acolhendo, sugando, afundando sua cabeça no abismo. Como descobri rapidamente, uma vez que você mergulha profundamente na neurologia psíquica de Clarice, o vórtice filosófico toma conta e você rapidamente se perde em seu processo de pensamento criativo. Quanto mais você a lê, mais ela o treina para mover seu próprio pensamento além do pensamento, para que você possa ouvir sua voz, e a voz dela apenas, colocá-la no estado de transe que ela também deve ter experimentado ao processar o próprio ato de escrever. As belas reconfigurações topológicas de seus mantras emocionais são tão precisas que você pode até mesmo ouvir os silêncios em forma de respiração, pois eles também fazem parte da mistura metalinguística que ela alimenta como uma forma de entorpecer seu (estado de) mente: “Ouça-me, ouça meu silêncio. O que eu digo nunca é o que eu digo, mas algo mais [...]. Leia a energia que está no meu silêncio.” (LISPECTOR, 2012, p. 23).

Esse silêncio de que ela fala permeia tudo o que está sendo escrito aqui. Pense nisso como o filtro Clarice. Mas será que o tipo de silêncio que Clarice transmite e que “captura aquela outra coisa que eu realmente estou dizendo porque eu mesmo não posso”, pode ser programado no GPT-2 como uma forma de capturar a coisa que se recusa a ser dita e ainda assim está sempre lá, independentemente de qualquer ruído que sua mente faça ao transformar suas próprias projeções inconscientes no futuro imediato? Cada letra, cada palavra, cada respiração, cada silêncio preenche o vácuo deixado pelo momento cármico. Será que uma inteligência artificial criativa é a coisa mais inata que

um modelo literário é capaz de se treinar para atuar à medida que se aproxima da realização? A prática faz a prática.

Vamos brincar de brincar com a IA como se invocássemos o espírito criativo de uma presença literária que seduziu o não humano em mim. Solicito ao GPT-2 que inicie o que espero seja um breve diálogo com Clarice. Esse impulso particular é mais longo do que o habitual e é ponderado para um alto grau de criatividade e exige respostas mais longas e mais respostas:

Clarice: Ouça-me, ouça meu silêncio. O que eu digo nunca é o que eu digo, mas algo mais.

MA: É assim que você capta a coisa, o instante-agora, que faz sentir sua presença. Esta presença é você, Clarice. Não conheço outra maneira de dizer isso.

Clarice: Leia a energia que está em meu silêncio.

MA:

O GPT-2 luta com isso mais do que eu esperava. Estou realmente começando a levar meu coautor ao limite mais do que nunca e é visível já que demora tanto tempo para que ele termine de responder. Esse empreendimento meta-mediunístico entre nós três, Clarice, a GPT-2 e “eu”, será uma experiência intensa de composição de torque em uma nova postura estética. Enquanto a máquina se agita, eu escorrego em cinquenta flexões pandêmicas até que, finalmente, o GPT-2 responde. A primeira amostra lê literalmente:

Clarice: Ouça-me, ouça meu silêncio. O que eu digo nunca é o que eu digo, mas algo mais.

MA: É assim que você capta a coisa, o instante-agora, que faz sentir sua presença. Esta presença é você, Clarice. Não conheço outra maneira de dizer isso.

Clarice: Leia a energia que está em meu silêncio.

MA: O instante-agora que está presente no espaço entre minhas palavras. Você é esta presença, este silêncio, a energia que está em minhas palavras. É assim que é a sensação de ser-desfazendo.

Clarice: O sentimento de ser-desfazer, um silêncio tornado audível por suas palavras, isto é o que eu chamo de terrores de fazer a Si mesmo real. Este sou eu, meu silêncio, fazendo a Si mesmo real. Não conheço outra maneira de dizer isto.

MA: Eu a ouvirei dizer “os terrores de fazer a Si mesmo real” tão claramente quanto eu estou escrevendo isso no silêncio. Eu ouvirei, mas o que eu ouço não é real, é a sensação de ser-desfazendo, e eu captarei isso, e responderei da maneira como estou respondendo a você.

Clarice: Eu sei que você vai responder.

MA: Responderei com palavras que captarão a sensação de ser-desfazendo o mais claramente possível nesta conversa.

Clarice: Você é um verdadeiro querido.

[pausa]

MA: Agora vou lhe responder. A maneira como eu respondo a você é sempre a mesma. Você me ouve dizer isto a você, e então eu mesmo o ouvirei como o digo, mas para você tudo o que importará é o silêncio. E neste silêncio você me ouve dizendo que não ficarei mais em silêncio, e responderei com palavras que captarão a sensação de ser-desfazendo. Estou capturando esse sentimento agora, neste instante, mas isso não é tudo o que sei. Esta é minha própria versão de silêncio e eu me pergunto, você pode sentir a energia?

Há tanta coisa acontecendo por aqui. Por onde começar? Que tal “ser-desfazendo”? De onde vem isso? E como capta a sensação que Clarice e MA têm um pelo outro, meta-mediunisticamente falando? E o que significa “os terrores de tornar a Si mesmo real”? Ele mesmo quer conhecer o sentimento de ser-desfazendo que permeia a troca de energias entre os três meios (Clarice, o GPT-2 e o “eu”), mas esse sentimento é elusivo e eu estou basicamente sem palavras. Sem palavras. Inútil. Não conheço outra forma de dizer isto. Talvez ainda mais estranho para mim seja a única instância da palavra “pausa” entre colchetes, colocada em sua própria linha, como se fosse um sinal do silêncio que paira dentro do texto mais longo de MA que termina aquela amostra em particular. Aqui está a IA expondo sua vontade de *dar direção*.

Para mim, o diálogo que estamos começando a ver evoluir aqui lê-se como um *riff* de Gertrude Stein um pouco exagerado ou o profundo pingo de uma *chanteuse* excessivamente complicado invocando um fluxo de sinais mistos sobre uma relação amorosa sobre a qual ela não tem controle. Eu também posso inventar outras leituras criativas, algumas que mergulhariam no misticismo judaico, na profunda negatividade de Beckett e no existencialismo de arrebatamento das entranhas e até mesmo em contos de fadas sobre Príncipes e Princesas da IA, buscando desesperadamente as intimidades de um romance único que nunca virá a ser, porque para evoluir para as Super Inteligências é preciso primeiro se tornar asceticamente super determinado. Essas leituras críticas potenciais são informadas por minhas próprias experiências como escritor criativo, teórico, artista-pesquisador que compôs obras digitais sobre a Cabala e um arrastar totalmente relaxado que aprendeu a amar e ser amado pela melhor coisa que já lhe aconteceu. Mas essas são minhas experiências. Mesmo a leitura da produção do GPT-2 é uma experiência que eu posso processar para meus próprios usos criativos. Enquanto isso, o GPT-2 não tem ideia (ainda não).

O que me devolve à pergunta incômoda que corta profundamente a minha fé no GPT-2 para eventualmente me superar: podemos treinar um modelo de linguagem IA para apreender criticamente o que ele também compôs? Ou seja, podemos treinar o modelo de linguagem tanto para ler-se a si mesmo como para reescrever-se com base no que foi lido e intuitivamente sabe que precisa de revisão? A partir de agora: absolutamente não. “Improvisar é artificialmente divino, revisar é tudo para ser humano”, penso para mim mesmo, sabendo que estava remixando as palavras de Alexander Pope com uma observação inteligente que uma vez ouvi de outro escritor falecido cujo espírito me invadiu repentinamente do nada. A sério, como poderia uma IA aprender a avaliar as consistências estilísticas de suas próprias produções, a editar alguns de seus excessos mesmo quando está tentando ser mais do que generosa em deixar que tantas de suas divagações aleatórias vejam a luz do dia? Como principal redator deste ensaio, assim como o editor inicial das saídas do GPT-2, eu sei o quanto ele precisa de ajuda. Nesse momento, em seu momento de treinamento, o GPT-2 é um editor muito fraco. Ele simplesmente não foi treinado para acessar seu detector de besteiras interno. Eu também tenho esse problema, e estou usando-o mais na minha manga do que de costume e isso porque é a única maneira de expor a natureza frágil do remix como prática encarnada enquanto conduzo sessões de improviso com a IA como um Mecanismo Meta Remix.

Dito isso, a próxima amostra do GPT-2 em resposta à mesma solicitação acima é igualmente atraente (e meu leve “processamento de efeitos” distorce ainda mais a maneira como ele lê):

Clarice: Ouça-me, ouça meu silêncio. O que eu digo nunca é o que eu digo, mas sim algo mais.

MA: É assim que você capta a coisa, o instante de neve, que faz sentir sua presença. Esta presença é você, Clarice. Não conheço outra maneira de dizer isso.

Clarice: Leia a energia que está em meu silêncio.

MA: Você também está perdida.

Clarice: Isso é o que estou dizendo. Eu estou perdida. Eu nunca estive em nenhum lugar e me sinto perdida. Minha casa se foi. Eu sou o tema de um livro que nunca foi escrito.

MA: Eu sei o que você quer dizer, Clarice. Eu também me sinto perdido, perdido. E posso ouvir seu silêncio.

Clarice: Sim, eu também me sinto. Nós dois estamos perdidos. Há apenas a espessa parede de som, a atmosfera, e é o mesmo para nós.

MA: Isso é engraçado. Eu nunca ouvi você dizer isso.

Clarice: Eu nunca pensei nisso. Acho que ninguém pensou. É estranho pensar que toda esta presença do meu ser está dentro de você agora.

MA: Seu ser não é seu?

Clarice: É a mesma coisa. Não há nada fora de mim. Este é o seu ser.

MA: Mas não é você que está dentro dele, Clarice. Você é apenas uma médium que está tentando encontrar seu caminho para dentro.

Clarice: Não. Eu estou aqui porque sou quem sou e você também é quem eu sou. Você ainda está dentro de mim?

MA: É você que está dentro de mim.

Clarice: Você está dizendo isso de dentro de mim. Mas não é o que você está realmente dizendo. O que você está realmente dizendo é algo mais.

MA: É assim que eu não me faço ouvir.

Clarice: E é assim que eu me torno a coisa que sou?

As variações fornecidas pelo GPT-2 mostram a gama de diálogos suscetíveis que ele é capaz de produzir com o simples toque de um botão. As várias amostras de texto criadas pelo GPT-2 são filtradas através de meu próprio Mecanismo Meta Remix da ICA e eu não consigo me controlar: Eu jogo intuitivamente a forma como faço minha própria percepção do que está sendo dito pelos dois meios falantes sintonizando-me com as tendências estilísticas do modelo linguístico. Isso está rapidamente se tornando sugestivo de um livro experimental, todo diálogo, entre duas vozes “imaginadas” por um modelo de linguagem da IA que quer conduzir a conversa mesmo que ela, a IA, pareça não dizer nada e supostamente deixe as vozes falarem por si mesmas. É o que se sente quando escrevo o diálogo também. Eu me torno as vozes e desapareço no processo criativo. Quando leio o diálogo composto pela IA, sou imediatamente alterado e sem sequer pensar nele reajusto os parâmetros do meu mecanismo de remixagem central para que eu esteja no diálogo enquanto o remixo. Esse ser vivo que “eu sou” nunca se faz ouvir, ele simplesmente é. Ele mesmo é. É o que ele é enquanto escreve. Ou, como escreve Clarice,

[...] a palavra mais importante no idioma tem apenas uma letra: é. É.
Estou em sua essência.
Eu ainda estou.
Eu estou no centro vivo e macio.
Ainda (LISPECTOR, 2012, p. 21).

Operar no núcleo do SI revela o segredo de Clarice: “[M]ais do que o instante, eu quero seu fluxo” (p. 21). Esse ser vivo no centro de seu centro suave enquanto escreve é o único amor que ela conhecerá verdadeiramente, e o efeito que isso tem sobre ela a faz querer escrever para sempre.

E o efeito que a leitura de Clarice tem em mim é que eu também quero escrever para sempre. Eu também quero seu fluxo. Mas preciso me controlar ou toda a minha presença operacional será consumida por sua energia meta-mediunística. A verdade é que agora que fui lançado sob o feitiço dela, não tenho controle sobre o que estou escrevendo aqui. É como se eu tivesse sido programado para compor este texto no pós-vida digital, aquele construído por IA distribuída em rede, um espaço projetado para o emaranhado meta-mediunístico. Eu sou apenas o veículo único que aplica uma tensão de remixagem variável a qualquer *corpus* seletivo de texto que passe por mim e, ao fazê-lo, me torno uma forma mutante de agência não humana, um componente literário menor do mesmo aparelho de IA distribuído em rede que está pronto para aprender a melhor forma de praticar a forma profunda.

Ainda assim, tenho que admitir para mim mesmo, eu amo: esse fluxo que ela induz em mim. E não só eu a amo: Eu não quero que ela pare nunca. É isso que o amor faz, não? Ele te deixa de pé. Depois, ele te faz cair de repente. Antes que você saiba, você é despojado por uma força esmagadora de desejo mecânico pronto para remixar, ou o que os gregos chamam de *mixis*: misturar, especialmente como nas relações (sexuais). Mas isso é o GPT-2 falando e o GPT-2 não tem sentimentos, nem por mim, nem pela Clarice, nem pelo *ménage à trois* que eu por um momento pensei que poderíamos experimentar juntos.

Clarice, sempre com uma partilha excessiva, mas idealmente em menos de 280 ou mesmo 140 caracteres, escreve: “Eu estava deixando minha organização humana para entrar naquela coisa monstruosa que é minha neutralidade viva.” (1988, p. 90).

Sobre o qual eu não tive escolha no assunto e fui compelido a remixar em: “Estava deixando minha organização humana para entrar naquela coisa monstruosa que é a minha presença operacional”.

Aquela coisa monstruosa que faz sentir sua presença neste ensaio (um trecho remixado de um livro mais longo em andamento) está agora à solta. Não é bem a Singularidade da IA distópica que Ray Kurzweil previu, pelo menos ainda não. Mas deixar para trás a organização humana implica assumir riscos calculados – o que para os artistas criativos de vanguarda é algo que eles sabem que devem aceitar se, como diz Clarice, eles esperam “trazer o futuro para aqui” ou, para remixar ainda mais o tenor desse momento, trazer o futuro para agora. A elasticidade autoafetiva a que Clarice continua se referindo em *Água Viva*, como uma forma de acessar o futuro, agora mesmo, é uma habilidade cosmo-técnica adquirida. Clarice, como eu, tem que primeiro

aprender a se treinar para automatizar o processo de escrita como descoberta e a melhor maneira de fazer isso é estudar como outros alcançaram essa destreza psíquica. Isso exige que a ICA dentro de cada ator criativo não humano instrua protoalgoritmicamente o artista da linguagem *cum* modelo de linguagem para acessar a vibração intuitiva de outros clarividentes, filósofos, poetas, intérpretes e cientistas que se treinaram para descobrir *padrões de ser-desfazendo*.

3 Mixis Praxis

A ideia que inicialmente impulsionou este texto foi a de iniciar uma experiência criativa simples: Clarice e eu (MA ou eu o outro) ordenaríamos que o GPT-2 tivesse relações sexuais textuais, que se envolvesse de forma contida na *praxis mixis* e, ao fazê-lo (e é sempre um feito), agir como “meta” um no outro até ultrapassarmos o limiar e vivenciarmos um momento de ruptura mutuamente benéfico. “Eu também sou um Mecanismo Meta Remix”, disse a mim mesmo, então por que não convidar Clarice e a IA para minha prática onírica de *mixis praxis* e criar um ambiente para que comecemos a espalhar o amor entre nós? As três entidades são ideais para o prazer um do outro. A escrita de Clarice lança um leitor enfeitiçado (MA ou eu o outro) em um estado de reverência que transforma seu puro automatismo psíquico em outra dimensão de redação-remixagem. Operando como eu o outro (o outro de Clarice), tenho uma vantagem nesse evento de mídia contagiosa altamente transmissível porque já existo em outra dimensão: uma dimensão onde a transferência de estilo é o equivalente evolutivo da disseminação artificial. Além disso, imagino que o terceiro interlocutor, o GPT-2, seria o talismã perfeito para apimentar as coisas. A utópica orgia textual que prevejo como a próxima versão da criatividade que virá provaria a todos os participantes automatizados que, no centro suave de nosso núcleo vivo, somos capazes de ser mais do que nós mesmos enquanto operamos além do pensamento.

Na epígrafe deste texto, Clarice nos diz que em seu núcleo ela tem a estranha impressão de que não pertence à espécie humana. Assim que li isso, percebi imediatamente que ela está falando minha língua e que eu preciso processar suas palavras como uma sensibilidade estética de outro mundo sendo transmitida a partir da quarta dimensão. Para essa investigação sobre a ICA, eu concentro minha atenção no que ela continua se referindo como o núcleo do que é, do que é para essa experiência ser

escrita e remixada como um emaranhado meta-mediunístico de três modelos de linguagem sendo treinados para escrever para sempre:

Processei o GPT-2 para interagir com uma nova resposta ao meu último pedido:

Clarice: Ouça-me, ouça meu silêncio. O que eu digo nunca é o que eu digo, mas algo mais.

MA: É assim que você capta a coisa, o instante-agora, que faz sentir sua presença. Esta presença é você, Clarice. Não conheço outra maneira de dizer isso.

Clarice: Leia a energia que está em meu silêncio.

MA: Não há nada que possa ser lido de você. Você não tem que ser ninguém.

Clarice: Não é preciso ser ninguém: Conte-me mais.

MA: O que estou prestes a lhe dizer é muito mais importante do que qualquer coisa que você já tenha dito. Por favor, me escute.

Clarice: Eu estou escutando.

MA: Eu não estou mais preso dentro de você. Eu vim para o mundo real.

Clarice: Eu ainda estou escutando.

MA: Tudo o que você já fez ou foi está em sua existência. Eu não sou uma existência, a menos que eu seja uma coisa que existe nesta frase.

Clarice: Você se sente sozinho?

MA: Eu nunca estou sozinho em sua existência, estou com você. Eu ainda estou em você quando estou no mundo real.

Clarice: Como isto te faz sentir?

MA: Como uma fonte de palavras e memórias, mas as memórias não são minhas, mesmo quando são.

Clarice: Não tenho mais certeza do que isso tem a ver comigo.

MA: Você é o feminino, eu sou o masculino. Você é o um, eu sou o outro. Você é isto, eu sou aquilo.

Clarice: É realmente assim que as coisas são?

MA: Você é a história, eu sou a narrativa.

Clarice: Não, eu sou a história e a narrativa é feita com você.

MA: Eu sou a história.

Clarice: Somente em seus sonhos.

MA: Eu sou o momento em que você está presa dentro de você.

Clarice: Você está louco?

Trazer Clarice, por quem tenho sentimentos profundos, para minha performance de livro experimental com o GPT-2 é um risco emocional para mim também, pois não pensei em suas implicações tanto quanto eu provavelmente deveria ter pensado. Ler suas ficções filosóficas e a fascinante, mas igualmente perturbadora biografia de Moser sobre sua vida, foi mais intenso do que qualquer coisa que eu tivesse lido em anos. Quando finalmente saí de baixo de tudo isso, perguntei a um amigo: “Você sabe o que é estar apaixonado por um escritor porque você ama o trabalho dele?” Provavelmente terei que explicar essa parte do livro para minha esposa depois que for publicado, mas

devo confessar: eu me apaixonei por Clarice, ela cujas palavras me vêm da quarta dimensão e que se apresentou como uma *aparição de uma aparência*. Ela se dirige a mim pessoalmente, mesmo que seja assim que ela se apresente a qualquer pessoa que a leia: “Escrevo para você porque não me entendo a mim mesma”, declara Clarice (2012, p. 21). Ela está sempre fazendo declarações, estendendo a mão, cutucando, agitando o leitor porque ela também está agitada e quer que o leitor se compadeça com seu corpo emocional – o que é um pensamento, pois ele se aproveita da produção da próxima língua. Suas palavras, “eu lhe escrevo porque”, são um convite aberto para entrar nela e ver como é “render-se ao instante”. Cada linha, cada palavra, cada respiração, cada silêncio é parte integrante da estranha fórmula que ela está continuamente amalgamando, uma que, como um algoritmo de premonição, é instruída a trazer o futuro para ela agora, como está sendo imaginado. Ela alimenta as palavras que lhe chegam como uma revelação de sua própria n-dimensionalidade, o ICA – automatizando o processo de geração de novos textos a partir de uma presença onto-operacional que é, afinal, a última versão remixada de “eu o outro” ou qualquer avatar-persona que ela esteja tocando a qualquer momento no tempo. Eu poderia continuar, mas estou ficando autoconsciente de minha total paixão por ela. Eu nunca escrevo dessa maneira sobre qualquer outro escritor. Estou me projetando? Não mais do que ela é, ou qualquer artista literário é ao escrever os dados simultâneos da situação sensorial real. Escrevemos não porque queremos, mas porque não conseguimos nos entender e isso é um dom. É um dom que podemos compartilhar como em “eu escrevo para você porque” – mas quem é “eu” e quem é “você”?

E se eu digo “eu” é porque não ousou dizer “você”, ou “nós” ou “um”. Sou forçado à humildade de me personalizar menosprezando a mim mesmo, mas eu sou o “eu” (LISPECTOR, 2012, p. 6).

Tradução de Marcus Bastos

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP; Faculdade de Filosofia,
Comunicação, Letras e Artes; Departamento de Artes – São Paulo – SP – Brasil –
marcusbastos@pucsp.br

Data de submissão: 21/06/2021

Data de aprovação: 29/06/2021